

Entrevista Semidiretiva

Dados biográficos e profissionais

Idade - 39

Sexo - Masculino

Formação Acadêmica – Licenciatura História; Mestrado em História Medieval;
Pós Graduação em Museologia; Especialização em Administração Escolar

Tempo de serviço – 16 anos

Tempo de serviço na presente escola – 4 anos

Cargos desempenhados – Diretora de Turma; Coordenador Biblioteca;
Coordenador Diretora de Turma; Coordenador de Clubes; Delegado de Grupo

A. Objetivos da organização / Funções do coordenador

Entrevistadora – Como é que caracteriza a evolução das funções do coordenador nos últimos tempos? Se achas que aumentaram de exigência? Nos últimos anos.

Docente – Aumentou a dimensão, desde o momento que desapareceram os sub coordenadores ou delegados de grupo, penso que essa foi a maior diferença, não é? Porque desde ter uma estrutura é só a cabeça ou seja o coordenador e depois todo o grupo de trabalho.

Entrevistadora – Relativamente à exigência, aquilo que lhes é pedido, relativamente há uns anos atrás, achas que não houve evolução ou maior exigência naquilo que lhes é pedido?

Docente – Eu acho que há uma maior preocupação, nos dias que correm, relativamente ao passado, na transmissão de informações, uma transmissão de informações mais concreta, a nível de departamento, que não existia anteriormente, pelo menos eu noto com esta coordenação, informações, a nível de legislação o que quer que seja...

Entrevistadora – Mais a avaliação dos docentes que não havia anteriormente.

Docente – Mais a avaliação dos docentes. Exatamente.

Entrevistadora – Quais achas que são os principais constrangimentos no desempenho da função do coordenador de departamento? Quais os problemas com que eles se debatem?

Docente – Um dos problemas é exatamente essa ausência de estrutura. Porque depois depende muito da boa vontade dos elementos dos grupos. Os grupos reúnem-se isoladamente e depois alguém transmite a informação, portanto perde-se um bocadinho... não é o controlo, digamos, a ideia... a ideia de sequência, até chegar a informação. De resto...

Entrevistadora – Tempo?

Docente – O tempo, o tempo não sei que horário é que a minha coordenadora tem...

Entrevistadora – Mas tu sentes que ela...

Docente – Eu acho que tem tempo.

Entrevistadora – Portanto, não sentes que ela tenha mais algum tipo de constrangimento em relativamente ao departamento? Tendo em conta também que o departamento dela também é relativamente pequeno

Docente –é relativamente pequeno.

Entrevistadora – Exatamente. Achas que o coordenador atualmente, neste caso o teu, se sente preparado para lidar com estas mudanças relativamente ao desempenho das funções de coordenação?

Docente – Eu acho que é uma pessoa que está constantemente preocupada em atualizar-se, a nível de legislação. E agora, sabemos que sai em catadupa, e tenta gerir o grupo dessa forma não é? Tendo em conta a parte legislativa, a parte, daquilo que se tem que fazer. Acho que é uma pessoa, por acaso, atenta e gosta de fazer as coisas de forma muito certinha.

Entrevistadora – Como é que... Ela dá conhecimento dos principais documentos estruturantes do agrupamento aos elementos?

Docente – Sim.

Entrevistadora – Em que data? Em que mais ou menos que altura? No início do ano?

Docente – Logo no início do ano.

Entrevistadora – E depois esses documentos são debatidos, analisados ou é só dar conhecimento que eles existem, ponto?

Docente – É mais dar conhecimento e ver o que é se pode fazer, « para». Para atingir os objetivos, o que quer que seja.

Entrevistadora – Mas isso é debatido em reuniões?

Docente – Sim, sim.

B. Mudanças surgidas nas práticas organizacionais / Processo de decisão

Entrevistadora – Achas que o departamento funciona como órgão de...onde a tomada de decisão acontece ou é mais um órgão de informação?

Docente – É sobretudo um órgão de informação. Tomadas de decisões existem, quando falamos de atividades.

Entrevistadora – Apenas.

Docente – Apenas. Penso eu.

Entrevistadora – Por exemplo: Agora tivemos uma altura em que foi, vocês foram tomados pelo menos a dar a vossa opinião sobre, o decreto que saiu, não é? Da organização...

Docente – Sim, não sei como funcionou porque tive eu que faltar, porque estava no Porto, na Exponor.

Entrevistadora – Estavas noutra atividade, Pronto. Mas supostamente numa, numa... não tiveste feedback dos teus colegas?

Docente – No momento anterior, a coordenadora fez uma prospeção portanto para saber...

Entrevistadora – Qual era a opinião?

Docente – Sim, para saber o caminho, qual era a opinião que cada um tinha. Por acaso foi engraçado porque inicialmente toda a gente ou a maior parte estavam todos com a ideia dos cinquenta minutos. O resultado depois dessa reunião já foi para os quarenta e cinco não sei como é que foi o debate como é que foi a discussão ...

Entrevistadora – Ah!

Docente – Ou a que conclusões é que chegaram. Não sei qual foi o processo.

Entrevistadora – Mas devias saber, não é?

Docente – Pois! (risos).

Entrevistadora – Achas que ela representa o departamento no conselho pedagógico ou é representante do conselho pedagógico no departamento?

Docente – Representa o departamento.

Entrevistadora – Definitivamente?

Docente – Sim! Duma maneira muito própria! E pessoal.

Entrevistadora – E isso quer dizer?

Docente – Quer dizer que, é nítido que não concorda com muitas coisas que são ditas, sobretudo pelo presidente do conselho pedagógico e, questiona sempre, questiona muitas vezes. O porquê? Porque é que se vai daquele caminho?

Entrevistadora – Mas no conselho pedagógico?

Docente – Sim, no conselho pedagógico!

Entrevistadora – Ah! Porque tu tens assento no conselho pedagógico. Mas senão, como membro do departamento tu saberias disso?

Docente – Como membro do departamento, sim, tenho experiência de ser elemento do conselho pedagógico e vejo, *in loco*.

Entrevistadora – Exatamente Por isso é que estou a perguntar. Enquanto membro do departamento será que tu terias acesso a essa informação?

Docente – Não, duma maneira tão visível.

Entrevistadora – Portanto, ela no departamento não deixa transparecer eh, eh, eh ?

Docente – Deixa transparecer um pouco da incompatibilidade, mas não da maneira como apresenta no próprio pedagógico.

Entrevistadora – Então, tu achas que ela, então é uma boa representante do vosso departamento em conselho pedagógico?

Docente – Sim e não.

Entrevistadora – Então?

Docente – Sim, porque é necessário defendermos as nossas cores, sobretudo quando falarmos de carga horária e uma das questões mais problemáticas foi precisamente o facto de uma das disciplinas ter perdido horas. O não, porque acabamos por criar uma lógica de isolamento e tenho verificado que depois nós começamos a.... cada vez mais a ficar numa ilha.

Entrevistadora – Enquanto departamento?

Docente – Enquanto departamento, por outras questões, mas acho que é visível, atividades, é muito difícil nós criarmos qualquer projeto de interdisciplinaridade com as línguas ou com outro departamento.

Entrevistadora – E acha que isso se deve ao comportamento dela?

Docente – Também. A defesa é feita de tal forma que acaba por nos isolar.

Entrevistadora – Exato!

Docente – Portanto a proteção... acaba por ser prejudicial nesse sentido.

Entrevistadora – Então se eu te perguntasse se o facto de...

Docente – Mas nós, acabamos por fazer essa interdisciplinaridade! A nível do clube, dos projetos, a nível do PTC.

Entrevistadora – Sim, sim. Mas tem que ser por conta e risco. Um bocadinho.

Docente – Um bocadinho sim. Agora, a nível daquelas grandes atividades, fazemos por exemplo as jornadas do património. São exemplo disso. As jornadas do património, somos só nós. Portanto, há a colaboração entre os grupos, claro, mas não é uma atividade que a gente diga, agora vamos abrir ao departamento de línguas ou ao departamento das ciências ou o que quer que seja.

Entrevistadora – Então, se eu te perguntasse se de alguma forma ela se sente... tem algum tipo de constrangimento por ter sido nomeada pelo diretor? De forma alguma! Porque à partida, se tu pensas que um elemento é designado, nomeado pelo diretor...

Docente – É, supostamente é de confiança...

Entrevistadora – Sim, supostamente é de confiança, mas esse próprio elemento também se poderá sentir de alguma forma obrigado, não é? como tu estavas a dizer, a seguir as indicações do diretor e a sentir-se constrangido de alguma forma, portanto no caso dela não acontece de forma alguma. É exatamente o contrário.

Docente – Eu penso que sim.

Entrevistadora – portanto ela não se sente de forma nenhuma, só porque foi nomeada por ele...

Docente – Não, não, não.

Entrevistadora – A seguir supostamente aquilo que ele acha? Se calhar porque na altura também não havia outra hipótese?

Docente – Exato, essa questão das nomeações seguiram um percurso não é? Respondeu a determinados itens.

Entrevistadora – Porque é uma nomeação quase de acordo com a legislação, tu não podes fugir dali, não é? Quando por exemplo existem algumas mudanças e se calhar já falamos um

bocadinho nisso, quando existem novos... nova legislação ou até novos programas de que forma é que ela implementa essa mudança em departamento e acompanha esse....?

Docente – Tudo o que seja nova legislação, novas orientações, ela informa imediatamente a nível de *e-mail* e depois na reunião de departamento, os grupos são convidados a quando é necessário, a levar sugestões e depois conversa-se um bocado sobre isso.

Entrevistadora – Portanto, depois vocês discutem essas novas mudanças e de que forma pode afetar o departamento. Sim?

Docente – Sim!

C. Participação

Entrevistadora – Relativamente à participação, como é que te consideras enquanto elemento do departamento?

Docente – Participação, penso que participo ativamente...

Entrevistadora – Quando eu refiro a participação, tem a ver com as reuniões, mas também tem a ver com todos os projetos em que vocês estão atividades em que vocês estão... que têm que desempenhar no departamento, portanto consideras-te, portanto...

Docente – Bastante ativo, penso que sou das pessoas que acaba por contribuir um bocadinho mais, não desfazendo dos outros, por exemplo para as jornadas do património, os contactos foram feitos por mim, com ligações que eu tenho, tenho essa sorte e trago esse contributo para o departamento.

Entrevistadora – Para o grupo. E relativamente aos outros elementos do teu departamento?

Docente – Penso que todos contribuem: um bocado mais, um bocado menos, claro que temos sempre pessoas com participações diversas, porque temos que compreender que os contratados estão cá poucos meses não têm uma participação muito ativa, na situação deles também não teria não é? Estão cá de passagem... por exemplo.

Entrevistadora – Ah, e uma das minhas perguntas ia exatamente.... Então tu achas que a mobilidade docente pode afetar a participação dos docentes.

Docente – Claro, isso é nítido, os contratados.... a mobilidade é de tal forma já entranhada que as pessoas vão para as escolas, a não ser casos excepcionais, vão para as escolas mesmo de passagem e sabem que é de passagem, daqui a uns meses já não estarão ali, porquê chatear porquê estar ali entre a vida ou... não é?

Entrevistadora – Portanto também acabam por não...

Docente – Acabam por prejudicar claro, porque poderiam trazer ...

Entrevistadora – Exatamente, novas ideias!

Docente – Novas ideias, enriquecer.

Entrevistadora – Mas não, pelo contrário...

Docente – Muitas vezes não. Aliás, estes colegas acabaram por sair um bocadinho da média, porque trouxeram. Trouxeram ideias novas. Trouxeram contributos.

Entrevistadora – E se calhar porque tem a ver com a mobilidade ter sido...

Docente – Estou a falar dos de História.

Entrevistadora – Sim! Com a mobilidade ter sido de.... um bocadinho mais alargada do que antigamente, não é? porque desta vez a mobilidade poderia ter sido mais do que um ano por que eles tinham hipótese de ser reconduzidos não é? Enquanto que antigamente era mesmo só anual, eles já sabiam que provavelmente...

Docente – A hipótese de recondução é sempre um fator, uma luz ao fundo do túnel.

Entrevistadora – Claro, claro, claro! Achas que o, o neste caso, o coordenador de departamento promove a participação dos membros? Por exemplo, já que estamos a falar dos contratados, o que é que ele faz para que isso ou se ele fez alguma coisa para que isso eventualmente não tivesse acontecido?

Docente – Quando temos essas... A expressão é “todos”. Portanto todos devemos participar. Eu acho que isso é positivo, não é fulanizar, mas todos estamos ali para participar. Agora uns participam outros não, depende da pessoa. Mas eu acho que puxa pelas pessoas. Duma maneira ou de outra...

Entrevistadora – Mas acaba por incentivar. Como é que tu defines a tomada de decisão no departamento? Como é que é conduzido o processo quando é preciso tomar uma decisão?

Docente – Chegamos a um consenso. Portanto há um problema que é preciso resolver e as pessoas dão a sua opinião se a tiverem e depois chega-se a um consenso. Se não for naquela reunião será na seguinte, para as pessoas pensarem melhor, mas acho que faz um processo bastante democrático.

D. Trabalho

Entrevistadora – Como é que tu descreves o trabalho que é desenvolvido nas reuniões de departamento? Quais são os assuntos tratados? Isto numa forma geral, claro!

Docente – Mas neste departamento é como todas....quando há informações do pedagógico é...demoramos para aí uma hora só ler a ata da reunião anterior, mas isso é normal, isso é da praxe...

Entrevistadora – Mas elas, são discutidas na reunião? Isso é uma coisa, portanto, a primeira coisa é ler a ata da reunião anterior, não é? E depois?

Docente – A questão das informações do pedagógico: São dadas as informações, umas mais relevantes que outras, quando há algum esclarecimento a fazer a coordenadora faz esse esclarecimento, mas não tem havido grande discussão à volta das informações. Aquilo é aquilo! Nos outros assuntos, aliás ao longo do ano aquilo que nós fomos fazendo foi sobretudo a organização, o pensar as atividades e organiza-las e dividir as tarefas.

Entrevistadora – Depois aquilo que é normal acontecer no final dos períodos, a avaliação, a reflexão.

Docente – Ah, sim a reflexão sobre a avaliação, com os documentos e segue sempre os relatórios de cada grupo para depois também compilar e fazer um relatório para apresentar no pedagógico.

Entrevistadora – Tu, consideras que existe trabalho colegial no teu departamento?

Docente – É mais um coordenador a..... pensar e organizar do que propriamente o grupo todo. O grupo contribui. O grupo contribui com a sua opinião. Agora, colegial....

Entrevistadora – Portanto, as coisas já vêm pré definidas é isso que me...

Docente – Já, já.

Entrevistadora – E vocês pouca margem têm, mas também porque...

Docente – Dá medo, certo? E depois só estamos a dar ali o contributo para a concretização de determinado objetivo. Agora discutir de raiz? Não se discute.

Entrevistadora – E mesmo entre vocês, para partilha de materiais, ideias até sobre as aulas, planificações.

Docente – Isso faz-se em grupo, a nível de grupo, não a nível de departamento.

Entrevistadora – Portanto, dentro do departamento depois vocês acabam por continuar a trabalhar naqueles grupos que existiam antigamente...

Docente – Sim!

Entrevistadora – Não partilham em termos de departamento e ela então estará à margem desses grupos? Porque depois ela não integra...

Docente – Integra o seu próprio grupo. Mas não vai aos grupos.

Entrevistadora – E dentro dos grupos, tu assistes a essa partilha ou também não?

Docente – Eu falo pelo meu e conheço bastante também o de geografia e partilham, penso que a nível dos grupos também há uma vantagem em sermos poucos, já somos poucos em departamento, em grupo ainda somos menos e nós fazemos isso, todos os grupos fazem isso. E de destacar, sobretudo, o de geografia, que tem um sentido de entreajuda, também já trabalham há muito tempo, tem essa vantagem vêm já de há três anos para cá são os mesmos, e ou quase e eles têm um sentido de entreajuda de trabalho de equipa fantástico. São um exemplo a seguir.

Entrevistadora – Ora! Realmente, ainda bem que há alguém com que a gente possa olhar e falar de um exemplo a seguir. Relativamente ao trabalho burocrático, achas que aumentou o trabalho burocrático?

Docente – Aumentou para todos.

Entrevistadora – Pronto, mas relativamente ao coordenador?

Docente – A nível da exigência de mais relatórios, o dar satisfações, sobretudo, o que é bom, não é?

Entrevistadora – Exatamentesatisfações sobre...

Docente – Satisfações é o relatório, satisfação.... dos resultados alcançados o que quer que seja. Nesse sentido aumentou, claro, isso aumentou para todos.

Entrevistadora – Achas que ultimamente, tem sido atribuída ao coordenador de departamento uma maior função de controlo sobre os professores?

Docente – Não senti! Não senti! Não se sente, mas existe.

Entrevistadora – Ah!

Docente – Só a questão de termos de apresentar os relatórios, das atividades, daquilo que se faz, ou por exemplo: o controlo é visível quando nos pede o relatório das planificações, se estão a ser cumpridas ou não, o cumprimento das planificações e se não estão a ser cumpridas, porquê? Justificar. É uma forma de controlar. Nesse aspeto aumentou.

Entrevistadora – E a avaliação?

Docente – A avaliação?

Entrevistadora – Dos professores.

Docente – Avaliação em que aspeto?

Entrevistadora – Se tu achas que isso é uma forma do coordenador de departamento também aumentar o controlo sobre os professores. O facto de os avaliar ou de ter a avaliação deles na mão.

Docente – Também é! Também é! Pelo menos cria uma relação diferente, mais estreita, para o bem ou para o mal, entre o coordenador e os elementos do departamento. Estão a ser avaliados por...

Entrevistadora – Achas que ele é capaz de desenvolver a articulação entre os vários professores do departamento?

Docente – Embora, se poderia desejar mais. No meu entender poderíamos fazer ainda mais. Mas quando há, há! Agora fora do departamento é que, pelas razões que já foram apontadas não há.

Entrevistadora – Portanto, interdepartamentos, não é?

Docente – Sim. Esse é que sempre um ponto em que a coordenadora vinca, não é? O aspetos da avaliação inter... inter... lá vem inter.

Entrevistadora – Achas que existe um afastamento quando é preciso tomar uma decisão entre a coordenadora e os professores?

Docente – Penso que ela... a coordenadora tenta que haja bom senso. Sempre avisando para os pontos positivos ou negativos, se calhar encaminhando de certa forma para um determinado resultado mas cria-se ali um ambiente de consenso agradável.

Entrevistadora – Quanto mais não seja?

Docente – Estarmos todos para o mesmo lado. É essa a ideia.

E. Liderança

Entrevistadora – Pronto. Relativamente à liderança, que ela exerce, como é que a descreves?

Docente – Eu acho que o estilo de liderança é.... baseia-se um bocadinho na distância. Ou seja, é um elemento que não se dá muito a conhecer, não se abre com as pessoas ou com a generalidade das pessoas, não cria uma relação de proximidade, é preciso muito para criar essa relação de proximidade e acaba por, se calhar, ganhar alguns pontos, nesse aspeto. Portanto o líder está afastado, o líder não é um igual, não é um amigo, não é aquele que chega à beira da pessoa logo na primeira vez e dá-lhe um abraço, nada disso.

Entrevistadora – Portanto tu dirias que ela está em cima e os subordinados..... o tipo de líder...

Docente – Não é bem....podemos ver nesse aspeto, dos subordinados. Mas não creio que seja muito nessa perspetiva, é mais do afastamento e que acaba por dar....

Entrevistadora – Pois e esse afastamento tu achas que é porquê?

Docente – Também não dá ideia de superioridade. Portanto subordinado é em relação a alguém superior. Também não é essa a imagem, nem o discurso. Agora há um afastamento e naturalmente as pessoas com esse afastamento vão criar uma imagem diferente daquela pessoa que neste caso é o líder. O líder está ali num sítio diferente, é preciso cuidado com o que se diz, não vamos ali dizer: “então estás boa e tal?” Como outras pessoas têm não é? E isso acaba por criar uma imagem diferente nos outros, os que estão por baixo. Acaba por ajudar!

Entrevistadora – Acaba por ajudar o líder?

Docente – Ao líder!

Entrevistadora – E de que forma é que tu achas que essa forma de ela liderar condiciona a participação dos elementos?

Docente – Pode condicionar no sentido em que as pessoas estão sempre... nunca sabem com o que contar e nunca sabem, depois ficam com aquela noção, de estarem a dizer alguma coisa errada.

Entrevistadora – Portanto preferem se calhar, não falar?

Docente – Provavelmente, portanto, não vou, vamos lá a ver, vou ter cuidado em dizer o que quer que seja, porque posso meter a “pata na poça”. Lá está porque não se sabe....

Entrevistadora – Muito bem o que se esperar.

Docente – O que se esperar dali.

Entrevistadora – Achas que há outro tipo de líderes informais no teu departamento? Achas que ela permite, dá espaço a que outros líderes surjam?

Docente – Não. Eu penso que não. Agora poderá haverpoderá haver pessoas que se possam destacar por uma razão ou outra, mas líderes portanto, um líder que controle a par da sua liderança não.

Entrevistadora – Para terminar. O que é que tu achas que é um coordenador eficaz?

Docente – Eficaz! Coordenador eficaz, ahhh..... é o que planifica bem o seu trabalho e ajuda a planificar o dos outros. Que dá margem mais que suficiente aos outros para trazerem os seus contributos. E depois gerir, juntar os esforços, num departamento acho que isso é fundamental. E incentivar a interdisciplinaridade e interdepartamental a ideia de que sim senhor, estamos a trabalhar para os alunos. E o trabalho que nós fizemos, cada vez mais se quer interdisciplinar, interdepartamental, o que se quiser dizer, isso é fundamental para todo o tipo de trabalho. Bom coordenador, penso que é isto!

Entrevistadora – Muito obrigada!